

RESILIÊNCIA E LUTA: A(S) IDENTIDADE(S) FEMININA(S) EM REPORTAGENS LITERÁRIAS DA JORNALISTA ELIANE BRUM¹

SILVA, Ana Carolina Cauneto²
BILHAR, Tatiana Fasolo³

RESUMO: O presente trabalho visa a apresentar a construção da identidade feminina no Jornalismo Literário. Para a análise, foi utilizado como objeto de estudo o livro *O Olho da Rua*, da jornalista Eliane Brum. A partir de uma pesquisa qualitativa e interpretativista, o objetivo do trabalho é apresentar como a mulher é caracterizada em três reportagens distintas. Assim, tendo como base teórica o conceito de identidade de Stuart Hall (1992) e características do Jornalismo Literário pautadas em Pena (2006), destacam-se nos textos, no que diz respeito às mulheres, aspectos culturais relacionados aos discursos dominantes em nossa sociedade, tais como a submissão, a luta, a força, a maternidade, a resiliência, a sororidade e a violência.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; Jornalismo Literário; Mulher.

1 INTRODUÇÃO

O Jornalismo Literário é um gênero fronteiro que usa recursos típicos de textos literários para narrar fatos. Como qualquer forma de escrita, a narrativa é construída a partir da observação do autor. Nesse gênero, porém, é necessária uma maior atenção aos detalhes para além da obviedade da notícia. Conforme argumenta Pena (2006), o Jornalismo Literário

Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente garantir perenidade e profundidade aos relatos (PENA, 2006, p. 13).

Neste estudo, analisamos as identidades femininas que a jornalista Eliane Brum constrói em três reportagens distintas – *Floresta das Parteiras*, *Mães vivas de uma geração morta* e *A mulher que alimentava* –, incluídas no livro *O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real* (BRUM, 2008), observando a contribuição do uso de técnicas do Jornalismo Literário.

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Jornalismo do Centro Universitário FAG, no ano de 2020.

² Acadêmica do 8º período do curso de Jornalismo do Centro Universitário FAG. E-mail: anacauneto@gmail.com

³ Professora orientadora. E-mail: tatianabilhar@gmail.com

Eliane Brum é conhecida por contar histórias que normalmente não são vistas no cotidiano dos meios de comunicação. Essa escolha é justificada pela própria jornalista: “Sempre gostei das histórias pequenas. Das que se repetem, das que pertencem à gente comum. Das desimportantes. O oposto, portanto, do jornalismo clássico” (BRUM, 2008, p.187).

Nessa obra, a jornalista faz uma jornada pelo país, relatando, em cada reportagem, a infinidade das diferenças dos seres humanos. Dentro desse universo, ela revela mundos ainda ocultos pelo preconceito, pelos estereótipos e pela discriminação, além da pluralidade de identidades femininas.

A identidade feminina no Brasil, desde o início dos tempos, é interpelada por discursos que apontam para a sua inferioridade e submissão, o que se reflete na sociedade, em seus valores e em suas crenças. A questão da identidade é amplamente estudada pelos Estudos Culturais. Nessa perspectiva teórica, a constituição da identidade é atravessada por essas questões culturais. Trata-se de “[...] um campo de pesquisa que examina como a vida das pessoas é moldada por estruturas repassadas historicamente de geração a geração” (ANGROSINO, 2009, p. 28).

Assim, para compreender quais identidades femininas a jornalista constrói, foi realizada uma pesquisa qualitativa e interpretativista, que conta com uma análise das reportagens na qual são destacados os aspectos culturais presentes e, a partir deles, os discursos que se manifestam sobre o que é ser mulher. Assumindo a perspectiva dos Estudos Culturais, observa-se todo o universo – abstrato ou não – que envolve a construção das identidades nas três reportagens citadas, escritas entre 2000 e 2010, quando Eliane Brum trabalhava na *Revista Época*.

Para dar conta do proposto, o artigo encontra-se dividido em seis seções, sendo a primeira delas esta introdução. Na segunda, tratamos da questão da identidade a partir das contribuições de Stuart Hall e dos Estudos Culturais. Na terceira, discutimos a questão de ser mulher em nossa cultura. Na quarta, apresentamos as características do Jornalismo Literário. Na quinta, discorremos sobre a jornalista e sobre o livro, além de analisarmos as três reportagens. Por fim, na sexta seção, que corresponde às considerações finais, destacamos qual(ais) identidade(s) a jornalista constrói sobre a mulher, como ela caracteriza “ser mulher” em suas reportagens.

2 IDENTIDADE

O conceito de identidade é definido pelo conjunto de características que definem um sujeito social, por meio das quais é possível individualizá-lo. A identidade, na perspectiva dos Estudos Culturais, é marcada por um constante estado de variação, já que não é imutável, mas sim fragmentada e se modifica de acordo com as experiências e a vivência com o outro (HALL, 1992). Para Stuart Hall (1992), um dos principais autores que discutem o tema, a identidade é algo formado, ao longo do tempo, a partir de processos inconscientes e permanece sempre incompleta, pois está sempre em processo, sempre sendo formada.

Na concepção de Bauman (2005), o conceito de identidade nasceu da crise do pertencimento. O autor afirma que é intrínseca ao ser humano a ideia de vincular-se a um grupo e ser compatível com a ele. A convivência com outros sujeitos sociais e as práticas cotidianas geram novas visões e novas maneiras de compreender o mundo.

Nessa perspectiva, o choque de culturas é constante, já que o fluxo de ideias e produtos culturais na sociedade atual é expressivo. Dessa maneira, o conceito de hibridismo pode explicar a miscigenação existente nesse e em outros aspectos, tendo em vista o resultado do contato permanente entre grupos distintos. O hibridismo, para Silva (2003),

[...] coloca em xeque aqueles processos que tendem a conceber as identidades como fundamentalmente separadas, divididas, segregadas. O processo de hibridização confunde a suposta pureza e insolubilidade dos grupos que se reúnem sob as diferentes identidades nacionais, raciais ou étnicas. A identidade que se forma por meio do hibridismo não é mais integralmente nenhuma das identidades originais, embora guarde traços dela (SILVA, 2003, p. 87).

Com base nas palavras do autor, depreendemos que a identidade não é uma nem mesmo fixa. Tal compreensão é advinda dos Estudos Culturais, que têm como centro de estudo a cultura, a qual atua como definidora na produção de sentidos tratando-se da experiência social. As relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sociais, compõe o eixo principal de observação desse campo de estudos, que se volta também para a construção social das identidades (ESCOSTEGUY, 1998).

Assim, a identidade é moldada externamente, por meio da cultura, ou das culturas, na qual estamos inseridos, e o sujeito é interpelado por essas concepções alheias a si. Hall (1992) afirma esse pensamento ao dizer que a identidade é “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 1992, p. 13). Em outras palavras, não é possível falar da identidade como algo definitivo, pois, para Hall (1992),

[...] em vez de falar de identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é "preenchida" a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 1992, p. 39).

Com base nessa afirmação, observa-se que o sujeito fica vulnerável a determinações da sociedade, e a sua identidade é moldada, não apenas por experiências próprias, mas também por visões impostas. Dessa forma, a afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e excluir, porque, conforme ressalta Silva (2003), essa demarcação de fronteiras supõe, afirma e reafirma relações de poder. Ademais,

A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles” (SILVA, 2003, p. 82).

Na direção do que foi exposto pelo autor, é possível compreendermos que a ideologia imposta e os discursos hegemônicos acabam por definir os lugares sociais, isto é, a forma como uma pessoa se posiciona – ou é posicionada – perante a sociedade. Mesmo que involuntariamente, o pensamento e as ações dos sujeitos sociais são influenciados por esses discursos, visto que as suas identidades estão a eles associadas. Para Althusser (1971 *apud* WOODWARD, 2000), os sujeitos são produzidos e recrutados não apenas no nível consciente, mas também no inconsciente.

A mídia também colabora para a construção desses lugares sociais. Segundo Woodward (2000), os anúncios, por exemplo, só são eficazes no seu objetivo se fornecerem imagens com as quais os consumidores possam se identificar. Com base nisso, observa-se que a identidade está diretamente relacionada aos produtos que o indivíduo consome.

Ainda nesse contexto, a mídia influencia nos discursos que são postos como dominantes. Ao reproduzir, e muitas vezes legitimar, esses estereótipos, o sujeito pode orientar seu comportamento conforme os padrões estabelecidos para ocupar uma determinada posição social, mesmo que de forma inconsciente.

Fatores internos e externos, portanto, colaboram para a construção da identidade. Segundo Bauman (2004), o “pertencimento” e a “identidade” não são garantidos para toda a vida, uma vez que sofrem alterações e são, desse modo, negociáveis e revogáveis. Na perspectiva dos Estudos Culturais, a transitoriedade da identidade é um reflexo da pluralidade existente em cada cultura e das relações interpessoais, normalmente associadas a relações de poder e de hierarquização.

É dessa forma que compreendemos a identidade, ou identidades, da mulher na sociedade ocidental e, mais especificamente, no Brasil: formada pelo hibridismo de culturas que nos compõem como povo, resultante das relações de poder na sociedade, marcada por discursos de esferas diversas que supõem e impõem o que é ser mulher. Para ampliar essa discussão, elaboramos a seção seguinte.

3 A MULHER NO BRASIL

Os discursos hegemônicos presentes na sociedade são exteriores aos sujeitos e constroem ideais, já consolidados, que lhes são impostos. As representações femininas, no Brasil, estão diretamente relacionadas ao local de submissão em que a mulher foi posta desde o período colonial. A grande maioria dos colonizadores portugueses que se estabeleceram no Brasil foi de homens que tomaram a terra e as mulheres pela força (DESOUZA; BALDWIN; ROSA, 2000).

Ainda de acordo com os autores supracitados, nessa época, os portugueses mantinham relações com mulheres indígenas e africanas, que eram vistas apenas como objetos sexuais e trabalhadoras. Já as mulheres brancas, eram encaradas como procriadoras. Esses são alguns dos aspectos históricos iniciais, que colocaram

a mulher em posição de submissão nessa relação de poder, e que fortaleceram os discursos construídos e que se refletem na identidade da mulher hoje.

Algumas poucas mulheres adentravam ao espaço público, pois precisavam trabalhar para garantir o sustento de suas famílias, porém, eram casos restritos. No geral, a única prática socialmente aceitável para as mulheres estava relacionada à Igreja Católica. Desde criança, elas eram controladas pelos pais e irmãos, e depois pelos maridos, passando por restrições associadas a todos os âmbitos de suas vidas. Muitas vezes não podiam ler e escrever, andar desacompanhadas, nem expressar seus pensamentos. Esses comportamentos, aliados aos ideais de recato, voltados principalmente à ideia de castidade e pureza, manteriam a honra dos homens de suas famílias.

Além disso, segundo Mary Del Priore (1993), a violência do sistema colonial malbaratava as relações improvisadas, pois exigia dos homens a obrigatória migração que lhes permitisse o sustento. Por outro lado, às mulheres cabia o papel de guardiã da casa e dos filhos, reforçando o discurso de que elas deveriam ficar sozinhas em casa e terem seu comportamento socialmente aceito ou agirem de maneira diferente e arriscarem o julgamento e exclusão. Com base nisso, as características referentes às mulheres passaram a ser, como indica Del Priore (2004),

[...] a fragilidade, o recato, o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, a subordinação da sexualidade à vocação maternal. Em oposição, o homem conjugava à sua força física uma natureza autoritária, empreendedora, racional e uma sexualidade sem freios. As características atribuídas às mulheres eram suficientes para justificar que se exigisse delas uma atitude de submissão, um comportamento que não maculasse sua honra (DEL PRIORE, 2004, p. 363).

Assim, observa-se que, há muito tempo, o “ser mulher” é tido como uma marca de inferioridade. Ao passo que, aos homens, era assegurado o seu privilégio na vida pública, em razão de comportamentos e ações engrandecidas pela sociedade; contudo, as mulheres eram restringidas, e, conseqüentemente, não tinham direito de escolha. Os estereótipos da identidade feminina foram construídos com base nessa hierarquia, sendo limitados ao papel de mãe, esposa e dona de casa.

De acordo com Delumeau (1990), por muito tempo, a mulher foi associada à sua proximidade com a natureza em razão dos mistérios da maternidade e, por isso,

passou a inspirar medo no homem. Esse sentimento fez com que ele agisse de forma dominadora, reafirmando seu papel de superioridade e colocando a mulher como submissa.

Em decorrência disso, aspectos como dominação, interesse político e intelectualidade foram sempre relacionados ao homem, culminando no distanciamento das mulheres dos ambientes de poder e de influência social. Segundo Silva (2003), as relações de identidade e de diferença ordenam-se, todas, em torno de oposições binárias, e questionar a identidade e a diferença como relações de poder significa problematizar os binarismos em torno dos quais eles se organizam.

Essas oposições também podem ser observadas na constituição da identidade da mulher. Segundo Vasconcelos (2005), a representação do feminino esteve, no decorrer da história, quase sempre associada a imagens dicotômicas: frágil ou forte, vítima ou culpada, santa ou pecadora. Nesse viés, mulher aparece na história quase sempre por meio do olhar masculino, e as figuras de Eva e Maria são tomadas, na sociedade ocidental, como os principais referenciais simbólicos dessa oposição.

Os discursos religiosos tiveram grande influência na construção do patriarcado e, conseqüentemente, dos discursos que impõem e supõem o que é ser mulher. Na Idade Média, houve a diabolização da mulher, ligada à Eva – início e mãe do pecado – e a exaltação da Virgem Maria, que teve como contrapartida a desvalorização da sexualidade (DELUMEAU, 1990). Notamos, portanto,

A imagem da mulher que predomina nesse período ainda é a da descendente de Eva, pecadora e sedutora, e não esqueçamos, portão do Diabo. A partir do século XII, o culto a Virgem Maria vai ganhar força. Maria representa a mulher pura, assexuada, aquela que foi capaz de conceber sem pecar. Enquanto Eva carrega o castigo na sua sexualidade, Maria a redime, mostrando que é possível à mulher cumprir o seu papel de procriadora, sem exercer o desejo carnal (VASCONCELOS, 2005, n.p.).

Os comportamentos observados no passado são sustentados até hoje, porém, são, em alguns casos, mais sutis. Atualmente, com a fragmentação da identidade e a ideia de luta por espaço, esses discursos, que ainda são impostos às mulheres, não as limitam tanto quanto no passado, em decorrência de anos de luta por direitos nos mais diversos âmbitos. As conseqüências desses comportamentos, por sua vez, estão presentes e interferem na realidade das mulheres. A diferença

salarial, a falta de mulheres em posição de chefia, os vários tipos de violência contra a mulher e os casos tão recorrentes de feminicídio são reflexos desses momentos históricos que colaboraram para a inferiorização da mulher. Por esses e outros motivos, em vista da sociedade patriarcal existente, a busca pela equidade de direitos permanece ativa e segue sendo necessária.

A identidade, ou as identidades, feminina, especialmente em nosso país, é fragmentada, marcada pela religiosidade, associada à natureza e à condição de geradora da vida, estabelecida pelas relações de poder que colocam a mulher em posição social inferior ao homem. E seus traços revelam-se em todas as mulheres, não só nas que costumeiramente são destacadas pela grande mídia, mas também, e principalmente, nas personagens corriqueiras do dia a dia, que nem sempre são alvo da imprensa.

São essas personagens, pessoas cotidianas esquecidas que constroem o Brasil a cada dia, que o Jornalismo Literário costuma focar em suas histórias. E é para elas que Eliane Brum volta seu olhar sensível e apurado de jornalista, sobre o qual vamos nos debruçar. No entanto, antes de iniciarmos as análises, discutimos, na próxima seção, o que é o Jornalismo Literário e quais são suas características, uma vez que os textos que compõem nosso *corpus* de análise foram produzidos a partir dessa perspectiva.

4 JORNALISMO LITERÁRIO

O Jornalismo Literário baseia-se na premissa de transmitir informações a partir de recursos da literatura. O padrão jornalístico convencional relacionado tanto à estrutura quanto à linguagem – pautado no lide e na objetividade –, além de, por vezes, tornar as matérias superficiais e padronizadas, chama menos a atenção do leitor, que busca maior riqueza de detalhes na narrativa. O Jornalismo Literário vem para superar tais aspectos, explorando a vasta lista de possibilidades que o jornalismo, atrelado à literatura, oferece ao desenvolvimento da narrativa.

Ainda assim, o Jornalismo Literário e o jornalismo dito “convencional” compartilham de algumas similaridades. Felipe Pena (2006) afirma que o jornalista literário não ignora as técnicas narrativas que aprendeu no jornalismo diário, mas as desenvolve de maneira a construir novas estratégias profissionais. Isso significa que

preceitos do jornalismo, como a checagem da informação, a ética, a linguagem clara, continuam os mesmos, independente da forma narrativa.

Nesse sentido, no Jornalismo Literário, a construção da narrativa é mais elaborada. Dentre os elementos que constroem esse gênero, destaca-se a humanização do relato. De acordo com Brum (2008), “esse olhar desvela que o ordinário da vida é o extraordinário. E o que a rotina faz com a gente é encobrir essa verdade, fazendo com que o milagre do que cada vida é se torne banal” (BRUM, 2008, p. 187).

Os jornalistas que seguem essa vertente literária passam a voltar sua atenção para as histórias que não são contadas no cotidiano dos meios de comunicação. Por meio de textos mais extensos e detalhados, o relato é construído em formato de história, trazendo como protagonistas pessoas comuns. E as histórias destacam a riqueza e a complexidade de cada personagem, mostrando que, dentro de suas realidades, todos têm uma história que vale a pena ser ouvida e contada.

Segundo Pena (2006), não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária; o conceito é muito mais amplo. Nesse sentido, ele aponta as características do Jornalismo Literário, baseado em sete aspectos que chama de “estrela de sete pontas” (PENA, 2006, p. 13).

O primeiro aspecto diz respeito ao fato de que esse “gênero” jornalístico potencializa os recursos para a produção de matérias. Isso quer dizer que se utiliza dos princípios básicos do jornalismo – ética, apuração cuidadosa dos fatos, clareza –, mas de maneira a construir um novo modo de contar histórias. Corroborando dessa visão, Martinez (2009) aponta que “o Jornalismo Literário é um gênero fronteiro, que tira partido das técnicas literárias e dos elementos básicos jornalísticos, como levantamento de informações, para produzir um texto bem apurado e escrito” (MARTINEZ, 2009, p. 71).

O segundo aspecto diz respeito à abordagem de temas que ultrapassem os limites do cotidiano. O imediatismo atual provoca efeitos nos meios de comunicação, restringindo as notícias, por exemplo, no que diz respeito à periodicidade, à novidade e à atualidade. Ao quebrar essa barreira, o Jornalismo Literário proporciona uma visão mais abrangente dos fatos, que é a terceira ponta da estrela de Pena (2006). Para isso, “é preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens” (PENA, 2006, p. 14), construindo histórias que contêm os fatos em toda sua complexidade, e que não

estejam limitadas pelo tempo das publicações, mas que se situem em um espaço temporal de longa duração.

Em quarto lugar, o autor indica a importância de se exercer a cidadania. O jornalista, no Jornalismo Literário, “quando escolher um tema, deve pensar em como sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade” (PENA, 2006, p. 14). Trata-se, mais do que nunca, de estimular a reflexão que torna o jornalismo uma ferramenta do exercício da cidadania. Uma vez que os temas abordados não se prendem às novidades, o Jornalismo Literário permite abordar fatos que corriqueiramente não estão nas páginas dos jornais, aprofundando a pesquisa sobre eles, de modo a construir matérias cativantes que nascem da observação minuciosa da realidade. Para Martinez (2009), os jornalistas literários devem escrever sobre acontecimentos rotineiros, lançando luzes sobre fatos que aparentemente passam despercebidos, contando as histórias que, em geral, não seriam contadas.

Outra característica importante diz respeito a romper com as correntes do lide - perguntas básicas que devem ser respondidas no primeiro parágrafo do texto jornalístico convencional: o que? quem? quando? onde? como? por quê? Assim, os modelos de textos jornalísticos têm um padrão pré-estabelecido que não permite o aprofundamento da informação. O Jornalismo Literário, por outro lado, quebra esse padrão, permitindo o exercício da veia literária na construção da narrativa.

O sexto aspecto destacado por Pena (2006) está relacionado às fontes das matérias. As pessoas utilizadas para dar suporte à informação no jornalismo cotidiano normalmente são fontes oficiais, chamadas de definidores primários. Assim, as mesmas figuras estão frequentemente presentes na mídia, devido à urgente demanda de publicações de matérias. No Jornalismo Literário, a ideia é justamente evitar esses definidores primários e “criar alternativas, ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados” (PENA, 2006, p. 15).

Por fim, a última ponta da estrela se refere à garantia de perenidade. Esse aspecto diz respeito ao fato de que as obras de Jornalismo Literário não podem ser efêmeras ou superficiais, “pois, diferentemente das reportagens do cotidiano, que, em sua maioria, caem no esquecimento no dia seguinte, o objetivo desse gênero é a permanência” (PENA, 2006, p. 15). A perenidade diz respeito à capacidade de uma matéria se manter relevante mesmo com o passar do tempo.

O Jornalismo Literário, desse modo, visa à produção de matérias que sejam significativas em um espaço temporal mais amplo e, para tal, vale-se de técnicas da literatura para contar suas histórias. Entre as mais utilizadas estão o uso de narrador – que pode ser em primeira ou terceira pessoa –, a construção de cenas, a reprodução de diálogos e, principalmente, uma grande atenção aos detalhes. De acordo com Wolfe (2005),

[...] o registro dos gestos, hábitos, maneiras, estilos de mobília, roupas, decoração, maneiras de viajar, comer, manter a casa, modos de se comportar com os filhos, com os criados, com os superiores, com os inferiores, com os pares, além dos vários ares, olhares, poses, estilos de andar e outros detalhes simbólicos do dia-a-dia que possam existir dentro de uma cena. [...] O registro desses detalhes não é mero bordado em prosa. (WOLFE, 2005, p. 55).

Trata-se de um jornalismo que busca trazer visões mais amplas da realidade, por meio de histórias que ultrapassem os limites dos acontecimentos cotidianos, buscando o pleno exercício da cidadania (PENA, 2006).

Pensando nesse caráter do Jornalismo Literário, selecionamos para este estudo três reportagens da jornalista Eliane Brum, que integram o livro *O olho da rua*, e que foram elaboradas nessa vertente jornalística. As matérias contam histórias de mulheres comuns e, ao mesmo tempo, muito peculiares, desvelando realidades complexas por meio de narrativas cativantes. É sobre essas reportagens que voltamos nosso olhar a partir da próxima seção.

5 ELIANE BRUM E O OLHO DA RUA

Para a elaboração deste estudo, foi realizada a análise de textos que compõem o livro *O olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real* (BRUM, 2008). Esse livro reúne 10 reportagens, escritas entre 2000 e 2010, que se passam em diferentes lugares do Brasil, ressaltando as distintas realidades que existem no país. Ao fim de cada reportagem, a jornalista conta sobre os bastidores, os dilemas, os erros, os acertos e as satisfações ao escrever cada material.

Eliane Brum é uma referência no que se refere ao Jornalismo Literário e ao relato humanizado, apresentando textos que mostram uma pluralidade de visões e histórias. No capítulo *Reportagem por cesariana*, a autora ressalta:

Em cada rua do mundo, seja de floresta ou de concreto, busco aquilo que faz tantos brasileiros andar pelo mapa, às vezes descalços. Aquilo que move tantos de nós a ancorar no dia seguinte – e um dia depois do outro. Meu ofício é encontrar o que torna a vida possível apesar de tudo, a delicadeza na brutalidade do cotidiano, a vida na morte. É esse o mistério que me fascina. E o olhar que escolhi como farol nessas andanças pelos muitos Brasis é o da compaixão, aquela que reconhece no outro a fratura que já adivinhou em si mesmo, (BRUM, 2008, p. 22).

A linguagem da literatura é a essência do Jornalismo Literário, que potencializa os fatos de maneira a torná-los documentos da história. Para Brum (2008), a realidade é complexa e composta não apenas de palavras. “Na apuração de minhas matérias, busco dar ao leitor o máximo dessa riqueza do real, para que ele possa estar onde eu estive e fazer suas próprias escolhas” (BRUM, 2008, p. 8). Para detalhar a realidade da forma mais autêntica possível, é fundamental a captação da particularidade de cada momento.

Apesar de ser um livro publicado há mais de 10 anos, com matérias escritas há mais tempo ainda, as histórias permanecem vivas. Para o *corpus* de análise, foram selecionadas três reportagens: *Floresta das Parteiras* (2000), *Mães vivas de uma geração morta* (2006) e *A mulher que alimentava* (2008), que têm vários aspectos que retratam mulheres em diferentes posições e condições sociais.

5.1 FLORESTA DAS PARTEIRAS

Na reportagem *Floresta das Parteiras*, que abre o livro, Brum (2008) adentra o estado do Amapá e relata a história das parteiras da Amazônia, a fim de dimensionar a força feminina das 700 mulheres que são responsáveis pelo nascimento das crianças da região, a partir de algumas personagens que ilustram a história. É possível lermos uma descrição dessas mulheres no excerto a seguir:

Elas nasceram do ventre úmido da Amazônia, do norte extremo do Brasil, do estado ainda desgarrado do noticiário chamado Amapá. O país não as escuta porque perdeu o ouvido para os sons do conhecimento antigo, a toada de suas cantigas. Muitas desconhecem as letras do alfabeto, mas leem a mata, a água e o céu. Emergiram dos confins de outras mulheres com o dom de pegar menino. Sabedoria que não se aprende, não se ensina, nem mesmo se explica. Acontece apenas. Esculpidas por sangue de mulher e água de criança, suas mãos aparam um pedaço do Brasil (BRUM, 2008, p. 19).

Já no primeiro parágrafo, é possível identificar traços marcantes da associação da mulher com a natureza. Ao desenvolver a abertura da reportagem, a

jornalista utiliza características pessoais das mulheres, como o fato de desconhecerem as letras do alfabeto, mas também os aspectos estruturados na sociedade sobre a proximidade da mulher com a natureza, justamente devido aos mistérios da maternidade, que já foi motivo para serem colocadas como inferiores. Nesse trecho, o dom de “pegar menino” é admitido como sendo algo intrínseco à mulher.

Além disso, é possível observar o uso de características do Jornalismo Literário na adaptação do lead. Ao invés de iniciar o texto respondendo às cinco perguntas básicas diretamente, a autora constrói a identidade do ambiente e de suas personagens no imaginário do leitor, utilizando-se de características específicas, culminando em uma nova maneira de transmitir a informação. A fuga dos definidores primários é evidente nas personagens selecionadas para a história, mulheres que não são vistas no cotidiano das notícias. Destacamos outro trecho da reportagem:

Como um espectro feminino, Dorica navega pelos rios do Oiapoque alumiada apenas por uma lamparina. Viaja acompanhada da irmã Alexandrina, 66 anos, de quem fez o parto de nove dos onze filhos. “Mulher e floresta são uma coisa só”, diz Alexandrina. “A mãe terra tem tudo, como tudo se encontra no corpo da mulher. Força, coragem, vida e prazer” (BRUM, 2008, p. 20).

A partir desse excerto, é possível notar que as próprias parteiras associam a força feminina com a natureza. Além disso, essas mulheres têm como obrigação as tarefas domésticas, reafirmando o discurso de que essas atividades devem ser realizadas exclusivamente pelas mulheres, associando-as até mesmo à sua sanidade: “É missão da parteira lavar, cozinhar, puxar o útero toda manhã e toda tarde para que a mulher fique sã” (BRUM, 2008, p. 21). O trecho também demonstra que, na sabedoria popular da floresta, as mulheres, com sua capacidade de gerar a vida, contam com o auxílio de outras mulheres nessa missão: uma sororidade que nem sempre está presente na vida evoluída da cidade.

Assim, é possível perceber que há, presente no texto, o discurso da religiosidade, abordada sempre no sentido de estar relacionada ao ser mulher. Em muitos momentos, esse tema é recapitulado. “[...] Nessa espiritualidade sem nome, contam que a grande deidade é feminina, mulher” (BRUM, 2008, p. 24). Trata-se de uma religiosidade em que há a valorização do corpo feminino, não como objeto de

prazer e pecado, mas como fonte de vida, de milagres. Em outro momento, Brum (2008) relata:

Quando remam quilômetros por rios ou vão de pés para auxiliar uma igual a consumir o milagre, o parto é resistência e subversão, é a prova de que cada mulher tem um pouco da deusa. Foram muitas as parteiras queimadas pela Inquisição no passado. Elas, que ainda hoje obedecem ao chamado, não estudaram essa história nos livros. Mas de algum modo guardam nos ossos a lembrança do calor da fogueira (BRUM, 2008, p. 24).

Nesse trecho, além de trazer novamente a ideia da “deusa”, a autora utiliza fatos históricos para construir a identidade dessas mulheres. Ao relacionar a Inquisição e suas fogueiras com o calor que as parteiras de hoje têm, Brum (2008) utiliza-se de elementos literários para comunicar e expõe o fato de que essa sabedoria da floresta, conhecimento popular passado de geração a geração, é condenado pela religiosidade cristã ocidental que predomina em nosso país. São, contudo, mulheres religiosas:

Depois reza e executa um segredo que não conta para cristão algum. Segredo que despontou no meio da noite, na forma de uma mulher vestindo longa cauda cor do céu. Com voz sussurrante, aquela que não era deste mundo ordenou-lhe que se livrasse do marido, um inocente que roncava no travesseiro ao lado. Foram noites e mais noites de sonhos assombrados. Mal Tereza dormia e a dama aparecia, toda feita de material onírico. Cansada de brigar com o além, Tereza mandou João Bordalo dormir em outras bandas. Só então o espírito revelou a que vinha e sumiu de vez. Antes, sentenciou: “Não revele meu segredo a ninguém ou eu acabo com a sua força...”. Desde então, Tereza nunca mais passou aperto entre pernas de mulher (BRUM, 2008, p. 29).

Tereza, que tem como característica o mistério, é tida nesse cenário como uma mulher de fé. Sem estar relacionada à uma religião específica, ela segue o mandamento do espírito de uma mulher e acredita que, ao escutá-la, garante a força de que precisa para ser parteira. Por isso, sempre convoca as parteiras da floresta para o ritual do agradecimento. No trecho, é possível inferir o discurso da religiosidade, em que a fé dessa mulher a faz não ter problemas ao trazer uma nova criança ao mundo.

Além disso, destaca-se, na construção dessas personagens, a sua simplicidade e bondade:

Ajudar a humanidade a vir ao mundo nunca lhes rendeu um tostão. “O que eu mais queria nesta minha vida era uma cama bonita”, suspira Cecília Forte, 66 anos, que nunca conheceu outro pouso para o corpo que não

fosse uma rede de algodão. Quando a fome aperta o ventre, o coração capitula, ameaça parar. Moldada em casca dura, Cecília resiste. De partejar, ela confessa que nem gosta tanto. “O que eu mais gosto é de remendar roupa velha. Por quê? Ora, acho que todo velho gosta de remendar a roupa. É um pouco como remendar a vida. Todos dois, um pelo outro.” (BRUM, 2008, p. 30).

Ao iniciar a história dessa personagem, Eliane Brum constrói um cenário em que é possível notar a simplicidade de Cecília, além de sua força. Por não ganhar dinheiro fazendo o que faz – trabalho esse que ela nem gosta tanto –, Cecília passa fome, mas sua força a mantém em pé. Assim, é perceptível o discurso da luta feminina – que existe em vários aspectos –, e Cecília, mesmo com as adversidades, resiste. As parteiras da Amazônia, apesar do trabalho essencial que realizam, sofrem com fome em uma vida de luta.

Outra figura que destacamos nos é dada a conhecer neste trecho: “Delfina dos Santos, 56 anos, ergue a mão para seguir o caminho dos filhos de pegação. É uma mão escura, nodosa, cada palma um emaranhado de fios que levam à trama de todas as vidas que acolheu” (BRUM, 2008, p. 30). A partir desse fragmento, observamos também a força feminina, ao se evidenciar as marcas físicas que carrega a história de Delfina com a sua profissão. Outro trecho que merece atenção é este:

As mãos da vida se agarram, os pés do caminho se plantam em círculo no útero da floresta. As parteiras agradecem à divindade ao amanhecer. Como todas as criaturas do mundo, o dia surge em hora precisa sem que nada ou ninguém tenha de arrancá-lo das entranhas da noite. Dia e criança seguindo a mesma lei natural, contendo ambos igual semente. Partes complementares de um só universo (BRUM, 2008, p. 32).

Esse excerto manifesta características da literatura, visto que a jornalista faz associações entre o dia e a criança, que nascem da noite, e as mãos da vida, que se referem às mãos das parteiras que trazem a nova vida ao mundo. Além disso, novamente, notamos a religiosidade dessas mulheres, que não é necessariamente a religiosidade cristã ocidental, uma vez que agradecem à “divindade” e não a Deus.

No fim da reportagem, a jornalista retoma a relação dessas mulheres com a natureza, indicando que a força delas está ligada a esse meio: “As parteiras erguem as velas pedindo iluminação no ofício. Invocam a terra, o rio e a floresta” (BRUM, 2008, p. 32).

Esse aspecto também pode ser observado no seguinte trecho: “A roda se desfaz e as parteiras pegam a barca para singrar os rios da fronteira do Brasil. Vão atender a um chamado que só elas escutam” (BRUM, 2008, p. 32). Ao conceituar que o chamado é ouvido apenas pelas parteiras, reafirma-se o discurso do mistério que envolve as mulheres, no sentido de serem tão conectadas ao universo que sentem quando são necessitadas.

O texto faz uma crítica à perda desses aspectos naturais às mulheres no restante da sociedade, na qual as mães preferem a artificialidade de uma cesárea à escuta do próprio corpo e do corpo dos filhos que geram nos seus ventres. A jornalista expõe, por meio da história das parteiras da floresta, problemas sociais como: a desvalorização do conhecimento que não é legitimado, a perda dessa conexão entre as mulheres, e dessas com seus próprios corpos e com a natureza, a vida de lutas que se impõe a quem vive em recônditos quase esquecidos do Brasil. A identidade feminina que se destaca aqui é associada à natureza, às dificuldades para sobreviver, à religiosidade e à sororidade.

5.2 MÃES VIVAS DE UMA GERAÇÃO MORTA

Na reportagem *Expectativa de vida: vinte anos*, dividida em duas seções, Eliane Brum (2008) relata a geração que morre antes dos 20 anos nas periferias do país, por razões relacionadas ao tráfico e à violência. Na primeira parte, a jornalista mostra a história de Sérgio Cláudio de Oliveira Teixeira, o Serginho Fortalece, único sobrevivente dos 17 garotos do documentário *Falcão – Meninos do tráfico*. Na segunda parte, a jornalista narra a história pela visão das mulheres que perderam seus filhos, objeto de análise desta pesquisa. Segundo a jornalista,

Nesta reportagem, a guerra brasileira é revelada pelo olhar e pela voz das mães dos mortos no tráfico. São dessas mulheres os úteros que geram soldados – jamais comandantes – para a narcopátria. Seus meninos tombam por tiro, faca, granada. Não como exceção, mas como fato corriqueiro. Ao enterrar um filho e descobrir outro em seu lugar, estas mulheres são lançadas um passo além da insanidade. (BRUM, 2008, p. 175).

Antes de expor os relatos das mulheres, a jornalista faz uma breve introdução utilizando aspectos da literatura. Ao afirmar que as mulheres são lançadas um passo

além da insanidade, é possível inferir, desde o início, o sofrimento dessas mulheres. Daí em diante, o texto traz os relatos de mães que perderam seus filhos.

O primeiro é o de Selvina, 74 anos, que teve 10 filhos, perdeu quatro assassinados por arma de fogo e um quinto que “sumiu no mundo”. Outros cinco morreram por doenças. A autora descreve um pouco da vida de Selvina:

Nenhum idioma tem nome para quem sobrevive a um filho. Para tal dor não há lugar sequer na língua. Aos 74 anos, Selvina respira no cômodo sem janelas onde dormem sete. Dá tosse, ânsia de vômito. Seria um ar impossível não fossem os pulmões de Selvina adaptados ao impossível. Ao longo da vida a que tanto se agarra, ela foi perdendo primeiro as unhas, depois os dedos das mãos e dos pés. Queimaduras, acidentes, doenças. Só restam tocos a Selvina. É com eles que ela resiste. Selvina olha para os membros mutilados e diz: “Eu não queria que a vida tivesse me aleijado. Estou acabada. Foi-se tudo”. (BRUM, 2008, p. 176).

Nesse fragmento, é possível observar a força da mulher que é obrigada a ser resiliente. Ao afirmar que seus pulmões são adaptados ao impossível, é reafirmado o discurso de que, mesmo com todos os problemas relacionados tanto à vida pessoal quanto ao descaso da sociedade nos mais variados aspectos, as mulheres existem e resistem, especialmente as mães, que tudo fazem por seus filhos. Há presente nesse relato o discurso do sacrifício materno.

Temos, em seguida, o relato de Eva. Na sua narrativa, a jornalista destaca a violência contra a mulher. Eva, que perdeu três filhos, descreve a sua história de agressão e perdas. Com 55 anos, a mulher repete pelo menos três vezes o final das frases, como se a repetição a mantivesse sã. Além disso, depois da morte do terceiro filho, Eva perdeu até os dentes. Em sua história, é possível observar a posição de poder do homem em relação à mulher, violentando-a fisicamente e psicologicamente:

Eva acordou com as facadas que o marido desferia contra o corpo dela. Enfiou a faca na vagina, queria alcançar o útero. “Você é uma cobra, que bota os filhos no mundo para matá-los”, berrava. Eva mostra o corpo em que o mapa de sua vida tem dolorosa geografia. Marcas de cigarro, cicatrizes de facadas, socos (BRUM, 2008, p. 177).

Esse trecho manifesta com clareza a posição de submissão em que a mulher é colocada, materializada pela violência física. Nesse caso, o homem culpa a mulher pela morte dos filhos. No fim do parágrafo, é possível notar características do Jornalismo Literário ao relatar que seu corpo exhibe o “mapa de sua vida” que tem

“dolorosa geografia”, mostrando que durante toda sua vida essa mulher passou por sofrimentos, incluindo violências físicas e psicológicas.

“Mais dois meninos foram assassinados, e o pai acreditou com mais força no pecado original de Eva. [...] Grávida do primogênito, ele lhe dava chutes na barriga, bateu com cabo de aço, cortou-lhe a perna. Pisava em cima do pé, a carne abria” (BRUM, 2008, p. 177). A partir desse trecho, ressalta-se ainda mais a violência contra a mulher e, conseqüentemente, mais uma vez, o lugar de superioridade em que o homem se vê. Além disso, observa-se a comparação com o seu nome, Eva, e a diabolização da mulher relacionada à Eva, tida como início e mãe do pecado. A jornalista continua:

Ao iniciar sua narrativa de morte, Eva avisa: “Fiquei fria, não choro mais, não sinto mais nada. Nada, nada, nada”. Então começa a chorar e não para mais até o ponto final. A história de sua vida sai encharcada. Zeus, na mitologia grega, compadeceu-se do pranto de Níobe, cujos sete filhos e sete filhas foram mortos. Na lenda ele transformou aquela mãe numa rocha que verte água. Foi a forma encontrada pelos antigos para representar a dor sem nome. Mães que perdem filhos assassinados são pedras que choram (BRUM, 2008, p. 178).

O trecho apresentado mostra aspectos do Jornalismo Literário, quando a jornalista faz uma comparação com a mitologia grega. Ao dizer que essas mulheres são pedras que choram, ela reafirma o lugar em que Eva se coloca, quando diz que não chora mais, contudo, depois chora sem parar, indicando uma mulher extremamente forte e que, ao mesmo tempo, sofre muito.

Outro depoimento é o de Graça, uma mãe que perdeu três filhos. Assim como Eva, seus dentes também caíram. Ela mora com mais oito pessoas em um apartamento pequeno, com marcas de bala nas paredes. No prédio, três garotos do tráfico foram mortos pela polícia.

Ela afirma que na favela se vive uma guerra da qual o resto do Brasil não tem conhecimento. Por não poderem sair de lá, Graça pensa que se sentiria mais segura embaixo da terra, devido à violência, nesse caso, policial, tão presente em sua realidade. No fragmento a seguir, destacamos o discurso de exclusão social:

Ela descreve o país em que vive como dois pedaços partidos. Não há barreira física, visível, entre a favela e o asfalto. Só uma avenida chamada Brasil. Aparentemente, Graça poderia atravessá-la. Mas os muros mais intransponíveis são justamente os invisíveis (BRUM, 2008, p. 179).

A jornalista usa o nome da avenida que separa a favela onde Graça vive do restante da cidade, o mesmo nome do nosso país, para expressar a ideia de que há mais de um Brasil e enfatiza que os excluídos não conseguem superar essa divisão.

O próximo relato é de Francisca, que perdeu um filho para a guerra do tráfico. Ela, que nunca alcançou um salário mínimo, acabou infartando, o que a fez parar de trabalhar. Mesmo assim, não teve acesso à pensão ou à aposentadoria.

“Em março, ele não voltou. “Desde que morreu, estou sem dinheiro pra comprar todos os remédios, a prestação do óculos venceu. Ficou tudo difícil.” [...] Francisca começa a contar como o filho morreu e passa mal” (BRUM, 2008, p. 180). Além do amor materno e da vontade de que a vida do filho tivesse sido diferente, é possível observarmos o sofrimento da mãe que aceitava o filho ter se tornado traficante, devido à dificuldade financeira que a família enfrentava.

Em seguida, Brum (2008) destaca a história de Enilda, em que retrata uma mulher que, sabedora da realidade em que está inserida, paga os caixões de seus filhos antes mesmo deles morrerem. Quando o filho tinha 15 anos, ela começou a quitar a sua morte. Ele morreu com 20. Ela o enterrou e já começou a pagar o caixão do próximo. Essa história é assim narrada:

A história de uma mãe empenhada em velar o corpo vivo dos filhos. [...] Essa luta de mãe para dar na morte a dignidade que não alcançou na vida de seus meninos é sua única esperança de paz. Não encontrasse um sentido, Enilda não suportaria a insanidade contida no ato de pagar adiantado os sete palmos de chão de um filho após o outro. São perguntas simples que cruzam a cabeça nessa hora. Como ela esfrega, engoma e passa mais de setenta peças de roupa, na mão, e ao final ganha 25 reais? (BRUM, 2008, p. 182).

O relato de Enilda não dá conta de expor a dor de uma mãe que paga o enterro dos filhos quando eles ainda estão vivos. O caso ilustra a dimensão do sofrimento e da resignação de uma mulher que, não tendo mais esperanças na vida dos filhos, lhes garante alguma dignidade na morte.

No excerto, também é possível observar o fato de seu trabalho não ser valorizado: há uma luta social para a sobrevivência e para a morte, já que, mesmo ganhando tão pouco, ela reserva uma parte para tentar dar aos filhos, que se perderam na vida, uma morte digna. Destaca-se a batalha dessa mulher ao buscar conforto na única maneira que encontra de honrar seus filhos.

O próximo relato é de Helena, uma menina que engravidou aos 13 anos. O pai da criança era assaltante e viciado em *crack*. Mesmo assim, a menina decidiu

engravidar, porque achou que, realizando o sonho dele – de ter um filho –, poderia fazê-lo ser uma pessoa melhor. “A menina faz parte da geração de viúvas-crianças produzida pela guerra do tráfico” (BRUM, 2008, p. 185). Nesse relato, como nos outros, temos denúncias de questões sociais, apontando para as diferentes realidades que se vive no mundo do tráfico.

“Ter filho é também um ritual de passagem que legitima sua posição de mulher na comunidade” (BRUM, 2008, p. 185). No fragmento, manifesta-se o pensamento de que a mulher precisa ter filhos para ser considerada mulher, para ganhar algum tipo de status e legitimar sua posição junto à comunidade. Assim, se, nos outros relatos, destaca-se a imagem da mãe que, sem condições de auxiliar, sofre pelos filhos, nesse reafirma-se o discurso de que uma das funções da mulher na sociedade está diretamente associada à procriação.

A reportagem faz uma jornada pela história dessas mulheres, relatando suas dores e, principalmente, a força que existe em cada uma delas. Há um tom constante de denúncia, que aponta para como as desigualdades sociais constroem esse mundo de dor, dentro do qual as mulheres não têm poder para resgatar seus meninos. A partir da visão das mães que perderam seus filhos para a guerra do tráfico, é traçado um panorama de muito sofrimento – não só pela perda, mas também pela violência contida em vários aspectos de suas realidades – e de muita força. A identidade feminina que emerge aqui está relacionada à maternidade, como ato de legitimação, de amor incondicional e de sacrifícios imensuráveis, à submissão, à violência, às dificuldades para sobreviver e, acima de tudo, à resiliência diante dos sofrimentos.

5.3 A MULHER QUE ALIMENTAVA

A última reportagem do livro, e também a última que analisamos, aborda o fim da vida, por meio do relato de pessoas com doenças terminais. A segunda parte, sobre a qual nos debruçamos, contempla os últimos momentos da vida de Ailce, uma mulher de 65 anos, que trabalhou sua vida inteira como merendeira. Logo que se aposentou e se sentiu livre – conceito que ela cita constantemente –, descobriu que estava doente e que seu tempo de vida estava acabando.

“Ela atravessa um período de grande revolta contra Deus. É dele a traição. Na hora penso que esse é o problema com a ideia de Deus. É difícil compreender a

morte, a tragédia, o mosquito da dengue, o câncer” (BRUM, 2008, p. 324). Logo no início da reportagem, observa-se a presença da religiosidade. Nesse caso, entretanto, há um questionamento em vez da aceitação incondicional: Ailce sente-se traída pela doença e, conseqüentemente, por Deus, que, sendo onipotente, teria sido responsável por seu câncer (seja por infligi-lo, seja por permiti-lo). Logo que se aposentou, ela esperava sentir-se livre, já que não tinha mais as amarras do trabalho diário, não tinha marido e os filhos estavam criados. Ela poderia, então, dedicar-se a si, o que a resume como: “Sem filhos, sem marido, sem compromissos, aposentada, livre” (BRUM, 2008, p. 3,24). No entanto, foi nesse período que descobriu o câncer e se viu presa à limitação imposta pela doença.

Ailce também é apresentada como uma mulher que questiona a submissão feminina:

Ela prefere dançar sozinha pela liberdade de rodopiar pelo salão sem que ninguém a conduza. Sempre quis dirigir ela mesma a sua vida. Escolhe seus passos no salão de baile enquanto no interior do corpo que rodopia suas células a traem em silêncio (BRUM, 2008, p. 324).

Nesse fragmento, é possível notarmos a independência e a liberdade que Ailce sempre buscou em sua vida, uma mulher que, apesar das dificuldades que viveu e que são apresentadas ao longo da reportagem, sempre buscou se libertar do machismo estrutural. Ao comparar esse aspecto ao ato da dança, a jornalista destaca a autonomia da mulher que prefere se conduzir sozinha (sem a necessidade de um homem para conduzi-la), ao mesmo tempo em que contrasta o rodopiar do ato da dança com suas células doentes.

No fragmento seguinte, reafirma-se novamente o discurso da liberdade da mulher em contraste com as limitações da doença que vive: “Se câncer é a palavra que ela não diz, liberdade é a palavra que repete. De novo a concretude da vida de Ailce. Ela está presa, literalmente. Sua vida depende de duas mangueiras fincadas dentro dela” (BRUM, 2009, p. 324). Em decorrência do tratamento de sua doença, Ailce tem fios presos em seu corpo, que drenam a bile para fora. Ao mesmo tempo, carrega uma bolsa – com estampa das princesas da Disney –, com um recipiente que comporta o líquido retirado. Viver assim atinge diretamente a autoestima e a confiança de Ailce, como pode ser observado neste fragmento:

Um dia um segurança de supermercado olha feio para sua bolsa de bile. Acha que ela está furtando coisas da prateleira. Com vergonha de carregar

os líquidos do corpo numa sacola, devagar Ailce vai deixando de sair. Desliga a música dentro de casa. E não dança mais (BRUM, 2008, p. 326).

A partir desse trecho, a jornalista evidencia o constrangimento que Ailce sente por ter que carregar uma bolsa com os líquidos drenados de seu corpo. Ela era uma mulher vaidosa, que se entristece de sua condição. Na ocasião relatada, um homem a fez sentir-se inferior por, injustamente, acusá-la de roubo, colocando em xeque uma das suas características que ela mais valorizava: a sua honestidade. A jornalista, então, retoma o fato de Ailce gostar de dançar, apontando que todas essas situações que vieram com a doença, e lhe forçaram a abrir mão de seus planos, lhe tiraram o brilho.

Estar presa a horroriza. Passou a vida esperneando para escapar de uma prisão metafórica. E agora está amarrada não aos fios invisíveis que sempre a ligaram às convenções do mundo, como a todos nós, mas às duas mangueiras de material sintético que drenam o rio poluído do seu interior. “Acho que a gente não vale nada. Olha o que sai de mim.” (BRUM, 2008, p. 326).

No excerto em destaque, percebemos a insatisfação de Ailce, uma mulher que teve sua vida voltada à luta pela independência agora se vê presa. Mais uma vez faz alusão à liberdade. Por ser de uma família com muitos irmãos, Ailce sempre sentiu falta de um espaço só seu. Além disso, decidiu casar, aos 23 anos, com um homem, aparentemente, honesto, trabalhador e bom. Uma das motivações para o casamento foi o fato de querer uma casa para chamar de sua. Seu marido, no entanto, era alcoólatra, o que culminou em um relacionamento abusivo.

No trecho seguinte, é possível observarmos que até mesmo o lugar em que ela lutou tanto para ter transformou-se em um fardo: “Pela casa ela sacrificou muito. Quando adoeceu, descobriu que a casa se transformara numa prisão. Tudo o que quer agora é se libertar da casa” (BRUM, 2008, p. 327). A jornada até a conquista da casa foi longa. Quando saiu de sua cidade, em busca da liberdade, passou um tempo na casa de seu irmão mais velho, e trabalhou em muitos empregos, antes de se encontrar profissionalmente. Após se deparar com as limitações de seu corpo, Ailce se viu presa ao lugar que batalhou tanto para conquistar, como se destaca a seguir:

Ailce é uma mulher comum. Nunca pensou que sua vida dava um romance. Nem mesmo uma reportagem. Ela não alcançou o pico do Everest, nem

decifrou uma espiral do DNA ou compôs uma sinfonia. Também não queimou sutiã em praça pública. Ailce viveu (BRUM, 2008, p. 326).

Esse excerto exprime com clareza uma das principais características do Jornalismo Literário: fugir dos definidores primários. Ao optar por contar a história de uma mulher comum, que normalmente não se vê no cotidiano do jornalismo, Brum (2008) mostra que qualquer história se torna uma boa história quando contada de maneira detalhada.

No trecho seguinte, destaca-se, mais assertivamente, o desejo dessa mulher de ser mais. Desde muito nova, viu-se presa na geografia em que se encontrava, e partiu em busca de melhores oportunidades:

Ailce deixou a casa dos pais aos dezoito anos. Devagar São Romão foi encolhendo diante de suas ânsias de mulher jovem. Parecia até que a cidade, antes tão larga, tinha criado paredes. “Me criei num mundo em que preto era preto, pobre era pobre, fazendeiro era fazendeiro, doméstica era doméstica”, diz. “Eu queria ir pra frente, sempre quis conhecer coisas novas.” (BRUM, 2008, p. 329).

O trecho enfatiza a sua origem humilde e destaca a exclusão social. Aos olhos de Ailce saltavam o preconceito e a ausência de mudança. Inferimos disso as dificuldades que enfrentou e o traço questionador e ousado de sua personalidade, já que ela partiu cedo desse mundo que a sufocava para buscar seu sonho de uma vida melhor em que poderia ser mais.

Ailce casou-se aos 23 anos. Por priorizar sempre a liberdade, quando se viu grávida do primeiro filho, sentiu que não era isso que queria para si. Sofreu de depressão pós-parto, mas só compreendeu isso anos mais tarde. O trecho a seguir sinaliza a cobrança social que se impõe às mulheres sobre a maternidade, de modo que Ailce chegou a questionar sua própria existência por não estar inteiramente feliz com o nascimento do filho. No entanto, também reforça o discurso do amor materno incondicional, que sobreveio à crise. É possível inferir do trecho também a pouca instrução de Ailce, que foi educada por programas populares, os programas de domingo, sobre a situação que viveu:

Muitos anos depois, quando os programas de domingo passaram a falar de assuntos de mulher, ela ficou aliviada ao descobrir que tivera uma depressão pós-parto, comum a muitas mulheres, e não uma crise existencial na qual indagou o que fora feito de suas grandes esperanças. Quando aquelas primeiras semanas de maternidade viraram meses, ela voltou a sentir por aquele filho um amor tão imenso que perto do fim ainda acredita que nenhuma mulher cuida tão bem dele quanto ela (BRUM, 2008, p. 332).

Depois disso, teve uma filha. Os dois são seu alicerce quando sua vida chega ao fim. O homem, Marcos, dá banho na mãe e cuida dela, assim como foi cuidado por ela durante toda sua vida. A mulher, Luciane, tornou-se mãe de santo na tradição do candomblé e oferece conforto espiritual à mãe.

“Ao igualar-se a um corpo infantil para vencer a interdição entre mãe e filho, Ailce assinala a perda do feminino nela. ‘A doença me tirou tudo. Eu perdi peito, bunda, cintura, tudo’, diz. ‘Não sobrou nada’” (BRUM, 2008, p. 334). A partir desse trecho, destaca-se o fato da doença ter feito Ailce sentir-se menos mulher, no sentido de ter perdido seu corpo para a doença. Notamos nisso o discurso que sobrevive no imaginário social, de que a feminilidade está relacionada a um corpo sexualmente desejável, de que ser mulher significa atender a certos padrões estéticos: cintura fina, seios definidos, quadris largos, bunda farta. Ailce não se reconhecia mais mulher por ter perdido essas características.

Mesmo assim, ela não perdeu a vaidade. No trecho seguinte, identificamos discurso de que as mulheres só podem sair de casa bem-arrumadas. Isso é algo que Ailce cumpre até o final:

Mais de uma vez Ailce entrou no hospital com as pernas bambas, mas sobre saltos. “Eu sou muito chata”, ela diz, para explicar sua teoria de que uma mulher só pode aparecer em público impecável. Ailce vai morrer quando perder os saltos sobre os quais se equilibrou mesmo nos declives da vida. Talvez por isso, quando ainda não consegue pronunciar a palavra morte, ela usa a metáfora “cair”. “Eu não vou cair”, ela diz. “Eu não aceito cair.” (BRUM, 2008, p. 330).

Assim, percebemos a feminilidade associada ao uso de saltos e a influência desse discurso na vaidade de Ailce. O padrão estético sobre o feminino dita como deve ser a aparência das mulheres e a maneira como elas devem se comportar perante a sociedade. Além disso, notamos que Ailce, até então, prefere ver a morte como algo passível de negação, quando na verdade não há poder de escolha.

No fragmento seguinte, verificamos o discurso da religiosidade na vida de Ailce. Até então, a única menção feita sobre esse aspecto havia sido sobre o sentimento da traição divina, que explicitava uma fé cristã. Nesse trecho, é possível notar a influência de sua filha ao instigar na mãe o entendimento da existência:

Luciane dá à mãe essa dimensão mística da vida. Pelas mãos dessa filha, Ailce encontra significados para um estar no mundo que para ela foi sempre tão concreto. [...] Perto do fim, sua pequena vida passa a fazer sentido numa trama maior. [...] E por ter um passado antes do nascimento, terá um futuro depois da morte (BRUM, 2008, p. 334).

Mesmo questionando todos os aspectos de sua vida, Ailce não refuta os ensinamentos religiosos vindos de sua filha. Essa influência lhe dá uma nova perspectiva ao perceber o mundo de maneira oposta a tudo que ela sempre acreditou. A concretude de sua vida, desse modo, deu espaço ao abstrato.

Dos tantos médicos que Ailce consultou, todos lhe disseram que sua doença – câncer nas vias biliares – era incurável. Apenas um lhe deu esperança de melhora, dizendo que, se ela engordasse, seria possível operá-la, e foi nesse profissional que Ailce acreditou. Como a doença afetava-lhe de forma a limitar seu apetite, Ailce sentia-se culpada pelo que estava passando, como destacado neste trecho:

E ela, que sempre enchera a barriga de todos, não consegue encher a sua porque tem náuseas. E porque não consegue comer não tem forças para a cirurgia. Sem cirurgia não há cura. Seu réquiem alcança então as notas mais dramáticas: Ailce não só morrerá, como morrerá por sua culpa. [...] Ailce alcança o insuportável: ela, que sempre alimentou a todos, morrerá porque não consegue comer (BRUM, 2008, p. 337).

Constatamos uma associação entre a sua profissão e a sua condição, destacando a ironia da mulher que passou sua vida alimentando crianças – ofício do qual se orgulhava – morrer por não conseguir se alimentar.

No excerto seguinte, retoma-se o discurso de independência e autonomia que Ailce sempre buscou:

A filha tenta lhe dar café com leite. Ela cerra os dentes. “Eu mesma tenho de tomar”. Derruba o café, mas é ela quem segura a xícara com as duas mãos. Pergunto a Ailce por que é tão importante segurar aquela xícara. “Eu tenho de ser eu, entende?” Descubro ali que ela morrerá quando não puder mais segurar a xícara. Morrerá quando o último vestígio de autonomia escapar de suas mãos amarelas e se espatifar no chão (BRUM, 2008, p. 339).

É possível observar que, para ela, perder sua liberdade é o mesmo que morrer. Em seus últimos dias, Ailce se apegava à religião da filha, na entidade “Preto Velho”, como notamos neste trecho:

Ailce tem fé. E uma fé bem ecumênica. Desde que adoecera, nunca recusou ajuda espiritual. Toda semana recebia a hóstia de voluntárias católicas e nunca deixou de abrir a porta para padre ou pastor. Mas é quem

ela chama de Preto Velho que a conforta na madrugada mais longa de sua vida (BRUM, 2008, p. 342).

Nesse ponto, é possível notar que a fé de Ailce não está relacionada a um tipo específico de religião. Assim, a religiosidade se faz presente, em sua vida, de maneira livre, sem se agarrar a uma apenas. Por meio da fé, seja ela qual for, Ailce se mantém conectada com o divino.

Em seus últimos momentos de lucidez, Ailce mantém a vaidade e ainda quer se ver livre do que a faz se sentir presa: “Na cama do hospital, na Enfermaria de Cuidados Paliativos, Ailce me pede que arranque as meias do seu pé. ‘Não gosto de me sentir presa’, diz. Está morrendo e suas unhas estão pintadas de esmalte cor de rosa” (BRUM, 2008, p. 344).

Nos últimos dias, relata a jornalista que a acompanhou por 115 dias, Ailce só dorme. Mesmo assim, preocupa-se com quem está a sua volta, como é possível observar no trecho: “Ailce já não tem fome. E isso não mais a machuca. Mas, ao abrir os olhos, tarde da noite, ela pergunta se eu comi” (BRUM, 2008, p. 344). A mulher que alimentava continua tentando cuidar dos outros mesmo quando já não pode cuidar de si. A jornalista continua:

Ela sofre, se mexe, e ninguém sabe de onde tira forças para contorcer o corpo devastado. Já não há movimento nos drenos, seu organismo está parando de funcionar. Ailce começa a arrancar a roupa. Fica nua. No final da manhã, a médica Juliana Monteiro de Barros a liberta dos fios sintéticos de sua vida. Ailce finalmente está livre (BRUM, 2008, p. 345).

Nesse trecho, é possível observar a força da mulher que lutou a vida toda por sua independência. Brum (2008) faz alusão ao sentimento de liberdade que Ailce sempre buscou, ao dizer que ela finalmente está livre ao se ver sem os fios que a acompanharam durante o período da doença. Nesse mesmo dia, após a chegada de seus filhos – que ela reconheceu –, Ailce se foi.

“Percebo então que nenhuma outra pessoa no mundo confiara tanto em mim. Em muitos momentos eu fora a única testemunha de sua vida. Eu escreveria a sua história, e ela estaria morta” (BRUM, 2008, p. 345). A partir desse trecho, destaca-se a profundidade do Jornalismo Literário. A jornalista acompanhou os últimos meses dessa mulher, escreveria a sua história e ela nunca a leria, mas a narrativa sobreviveria, conferindo à Ailce perenidade.

A reportagem faz menção à trajetória de uma mulher que sempre buscou liberdade e independência. Saiu da cidade que não acomodava seus sonhos, trabalhou em outros lugares até encontrar sua vocação de alimentar as crianças – muitas que só comiam na escola –, dançava sozinha apenas pela sensação de conduzir sua própria vida. A identidade feminina que se constrói está é relacionada à força, ao questionamento, à luta, à maternidade, à religiosidade, à vaidade e aos padrões estéticos que se impõem às mulheres. É significativo, ao longo da narrativa, o destaque que a jornalista dá ao contraste entre a busca de Ailce pela liberdade e os constantes empecilhos que surgiram em contrapartida: a cidade em que nasceu, com o preconceito e a exclusão social; o relacionamento abusivo; os filhos, que foram – como acontece em muitos casos na nossa sociedade – responsabilidade quase que exclusiva de Ailce; e, por fim, quando se aposentou e não haveria mais amarras, a doença. Inferimos disso tudo que “ser mulher” sempre implica sofrimentos, lutas e dissabores.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, buscamos analisar as identidades femininas construídas pela jornalista Eliane Brum, em suas reportagens, observando a contribuição do uso de técnicas do jornalismo literário para tal.

Na primeira reportagem, a identidade das mulheres da floresta é marcada pela comunhão com aspectos naturais. O mistério que envolve a força dessas mulheres está diretamente relacionado à conexão feminina com o divino. Também, destacam-se a bondade e a sororidade existentes entre as parteiras.

Já na segunda reportagem, pudemos observar as mulheres que vivem na favela. Aspectos como exclusão social, violência e sofrimento foram destaque, além da relação da condição social, em contraste com a cidade, expondo uma submissão feminina, no sentido de não terem outra opção, a não ser pagarem o caixão de seus filhos.

Na última reportagem analisada, temos a mulher que buscou superar suas dificuldades. Em função da exclusão social, saiu de sua cidade, conquistou sua casa, filhos, emprego. Independente disso, notamos o sofrimento da mulher que passou por um relacionamento abusivo, dificuldade para criar os filhos, doença, e, por fim, o fato de nunca ter conseguido ser realmente livre.

Para Stuart Hall (1992), o conceito de identidade é marcado por estar em constante variação, de acordo com o sistema e a cultura nos quais estamos inseridos e os discursos que nos interpelam. Tais aspectos foram constatados nesta pesquisa, já que a identidade feminina é construída em consonância com padrões estéticos, a religiosidade que marca o brasileiro, a luta, a dor e, em grande medida, a submissão das mulheres em relação aos homens.

Assim, iniciando pelas mulheres da floresta, passando pela favela e, por fim, a mulher da cidade, é possível afirmar que a liberdade da mulher, na sociedade, é relativa. Nas três reportagens, apesar de suas trajetórias distintas, todas as mulheres têm em suas histórias discursos padronizados e impostos pela sociedade como sendo inerentes à identidade feminina.

REFERÊNCIAS

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Tradução José Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2005.

BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. São Paulo: Globo, 2008.

DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia**. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

DELUMEAU, Jean. Os agentes de Satã III: a mulher In: DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente: 1300-1800**. São Paulo: Cia. das Letras, 1990, p. 310-349.

DESOUZA, Eros; BALDWIN, John R.; ROSA, Francisco Heitor da. A construção social dos papéis sexuais femininos. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 13, n. 3, p. 485-496, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/prc/v13n3/v13n3a16.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2020.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Uma introdução aos estudos culturais. **Revista Famecos**, v. 5, n. 9, p. 87-97, 1998. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3014/2292>. Acesso em: 16 ago. 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. TupyKurumin, 1992.

MARTINEZ, Mônica. Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v.6 , n. 1, p. 71-83, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p71/10418>. Acesso em: 16 ago. 2020.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. Visões sobre as mulheres na sociedade ocidental. **Revista ártemis**, v. 3, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/2209/1948>. Acesso em: 15 set. 2020.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tadeu Tomaz (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 7-72.